











CASA DE
INSPIRAÇÃO
filosofias ancestrais









# SUPLEMENTO DOCUMENTÁRIO CASA DE INSPIRAÇÃO - FILOSOFIAS ANCESTRAIS

#### Olá, seja bem-vinde!

O objetivo desse arquivo é fornecer texto, materiais, sugestões de atividades e possibilidades de diálogo tendo como disparador o filme *Casa de Inspiração - Filosofias Ancestrais*. O filme é uma produção da Marcha das Mulheres Negras em parceria com criadoras negras no audiovisual e registra reflexões de duas Griots, Tia Cida do Samba e Angelina Reis, sobre temas variados do nosso cotidiano.



Nesse arquivo você encontrará dois eixos de abordagem, no primeiro eixo apresentamos informações sobre a proposta do filme, sobre a Marcha das Mulheres Negras, bem como informações sobre as personagens do documentário e equipe criadora. No segundo eixo nossa proposta pedagógica propõe indicações de atividades em oito temas diferentes: MEMORIA, SAMBA, TERRITÓRIO, SAGRADO, ORALIDADE, FILOSOFIAS, MUSICALIDADE e AUDIOVISUAL além de sugestões de recursos de apoios como links e materiais diversos.



Nossa proposta é fornecer alguns caminhos e apontamentos e facilitem o trabalho com o filme, suas personagens e seus discursos em ambientes pedagógicos formais, informais ou conversas coletivas. Esse material pode ser utilizado como guia, disparador ou referência dependendo do objetivo de cada mediador/professor. Estamos à disposição para colaborações e diálogos, acreditando que o bem-viver e a cultura negra são grandes tesouros de saberes.



#### **EIXO 1 - O FILME**

"O imaginário brasileiro, pelo racismo, não concebe reconhecer que as mulheres negras são intelectuais."

Conceição Evaristo

Entendemos que o cinema é uma ferramenta de trabalho motivadora, inovadora, bem como instrumento capaz de envolver diversos assuntos e conteúdos num mesmo momento. Acreditamos que a utilização do cinema como disparador de conversas e discussões como um grande campo de atuação pedagógica no dia-a-dia.

Uma das justificativas mais comuns para o uso do cinema na educação é que o cinema motiva para o processo de aprendizagem. O professor ou mediador ao optar por esta metodologia deve estar preparado para buscar todas as fontes possíveis, tomando como base o contexto sócio-histórico-cultural onde está inserido e seu público.



# 1. Casa de Inspiração

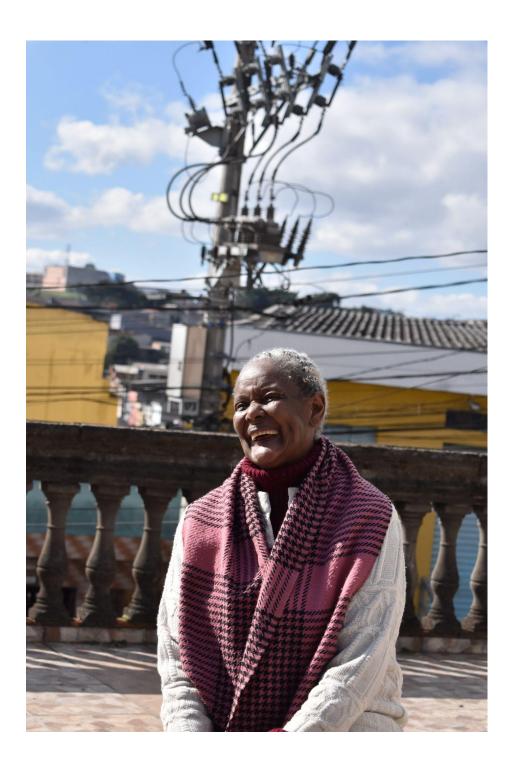
O curta-metragem tem 15 minutos de duração com entrevistas de duas anciãs negras, Angelina Reis e Tia Cida dos Terreiros. A ideia do filme é partir do tema "Saberes Ancestrais" em um diálogo sobre filosofias e perspectivas de vida, por meio das falas das participantes convidadas. Nosso objetivo é apresentar uma proposta que relacione nossos saberes ancestrais, as mulheres negras e seus territórios de conhecimento. Mulheres que ensinam. O que aprendemos. Linhagem do conhecimento. Aprender em relação com antepassados. Saberes em comunidade.



Ao longo do filme podemos observar algumas palavras que vão se destacando trazendo conceitos apresentados pelas falas das convidadas para o terreno escrito. Os conceitos ressaltados foram escolhidos por evocar e trazer para a concretude alguns valores e vivências da comunidade negra ao longo de seus anos de resistência e militância. A ideia do filme é legitimar Angelina e Tia Cida como pensadoras, filósofas e griots, guardiãs de saberes ancestrais.

Griô se baseia na tradição oral para o compartilhamento de vivências e saberes culturais. Uma mestre griô é reconhecida por partilhar ensinamentos com uma potência expressiva pedagógica.

Casa de Inspiração é uma fala de Tia Cida incorporada como título da obra. Acreditamos que esse filme possa ser uma verdadeira casa de inspiração e reflexão a todos que tiverem contato com ele. Que nossas filosofias tenham sempre espaço e fala e que nossas vivências semeem frutos incontáveis para alimentar de todas as formas o nosso povo.



# 2. Personagens do documentário



TIA CIDA - Maria Aparecida da Silva Tarjano ou Tia Cida dos Terreiros. Assistente social brasileira aposentada, conhecida sobretudo como sambista. Por sua atuação cultural em São Mateus, foi considerada uma personagem central de resgate e renovação do samba na periferia de São Paulo. É uma das principais referências do samba de São Paulo. Moradora de São Mateus, bairro periférico da zona leste da cidade, fez de sua casa reduto do samba durante décadas. Passados 80 anos de idade e mais de 20 de carreira, Tia Cida consolida-se como uma grande referência griô brasileira e guardiã dos saberes do samba.





Tendo lançado seu primeiro CD aos 73 anos, Maria Aparecida da Silva Trajano, mais conhecida como Tia Cida dos Terreiros, é uma baluarte ainda pouco conhecida do samba paulistano. Foi no quintal de Tia Cida que surgiram muitos dos sambas do movimento conhecido como Berço do Samba de São Mateus, reunindo compositores e intérpretes em uma das rodas de samba mais famosas da região.



Tia Cida e o Berço de Samba de São Mateus

Nascida em São Mateus no dia 26 de novembro de 1940, Tia Cida encontrou cedo uma maneira de se aproximar das tradições do gênero: foi dançando lundu com sua mãe e avó na infância que teve contato com os primeiros batuques africanos. De origem humilde, Tia Cida teve de trabalhar desde cedo para ajudar em casa e sustentar seus filhos. Foi então doméstica, líder de movimentos populares, supervisora de saúde e, mais tarde, assistente social, profissão que a acompanharia por cerca de 30 anos. Mas o samba teve primazia em sua trajetória. Ao lado dos filhos, Tia Cida começou a

Mas o samba teve primazia em sua trajetoria. Ao lado dos filhos, Tia Cida começou a percorrer rodas de samba espalhadas por São Paulo, com o intuito de garimpar o melhor das batucadas para sua vida.

Logo, a casa onde Cida morava foi incorporada ao circuito das rodas e passou a ser um dos locais de ensaio de um de seus filhos, Marcelo, também conhecido como "Tocão", cavaquinista do extinto grupo Quinteto em Branco e Preto.



Nos anos 1990, Tia Cida recebe o título de madrinha do Berço do Samba de São Mateus, roda que traz em seu repertório composições que falam do cotidiano do bairro e da complexidade da vida na periferia, além de canções tocadas nos primórdios das rodas feitas nos quintais das "tias".

O envolvimento cada vez maior com o gênero rendeu-lhe, entre outras alegrias, a gravação de um CD solo. Em seu primeiro trabalho, lançado em 2013, Tia Cida apresenta uma releitura de clássicos como "Lágrima Flor", de Billy Blanco, "Nem Sei", de Candeia, "Se Eu Tiver", de Dolores Duran, "A Cigana", de Dona Ivone Lara e Délcio Carvalho, além de composições dos componentes do Quinteto.



Atualmente, Tia Cida integra o Movimento Cultural Amigas do Samba, que tem como fonte de pesquisa composições e cantoras a partir da década de 1920, que trata do machismo e da violência contra a mulher. Também participa das ações promovidas pelo Instituto Cultural de Tradição e Memória do Samba de São Mateus, espaço idealizado por Yvison Pessoa com o intuito fomentar a cultura de matriz africana, resgatando a memória musical e histórica do samba e suas vertentes. Passados 80 anos de idade e mais de 20 de carreira, Tia Cida consolida-se como uma das principais referências femininas e precursoras do samba de São Paulo, gênero que encontrou em São Mateus um ótimo terreno para ganhar corpo.

#### Possíveis temas para abordagens:

- Uma das possibilidades de diálogo é a pesquisa e conversa sobre o bairro de São Mateus, sua história, características, comércios, líderes, sambas e espaços de cultura.
- Após a pesquisa sobre São Mateus, outra possibilidade é a comparação com a história de seu bairro e pesquisa sobre a história do bairro em que você mora ou nasceu. Uma das abordagens pode conter comparação, resumo, análise, mapeamento e reflexão.
- O samba é uma parte importante da identidade e cultura brasileira. Algo muito interessante e possível é pesquisar e ouvir letras de samba sobretudo de mulheres negras brasileiras. Recomendamos Elza Soares, Dona Ivone Lara e, claro, Tia Cida dos Terreiros.
- A análise das letras dos sambas de Tia Cida dos Terreiros é, além de uma possibilidade de reflexão, um lazer. Ler, ouvir e dançar samba são ações diferentes, sendo uma das possibilidades a exploração desse tema. Abaixo podemos encontrar um link com letras de Sambas cantados por Tia Cida.
  - https://issuu.com/edicoessescsp/docs/trecho\_web\_6d4c36397f7220/5
- Existem mulheres sambistas na sua família? Já frequentou alguma roda de samba? Conhece algum centro cultural com eventos de samba no seu bairro?

# "Na baixa do viaduto também se semeiam flores".

Pretas Bás

# 2. Personagens do documentário

ANGELINA REIS - Uma das Pretas Bas, a tríade base do espaço Adebanke. Participante ativa do grupo União e Consciência Negra, fez parte da coordenação de São Paulo nos 40 anos de luta. Uma história marcada pela coletividade negra, grupos de resistência e existência, culturais. Fortalecimento. Chá das pretas - conversas só entre mulheres. Gestora Cultural e Benzedeira. É uma das Pretas Bàs, fundadoras do Instituto Cultural Adebankê no bairro de Arthur Alvim na zona leste de São Paulo. A ocupação de resistência na baixa de um viaduto, fomenta a cultura negra e periférica. Angelina atua há mais de 40 anos, sendo uma das referências na luta das mulheres, contra a desigualdade racial e intolerância religiosa.





ADEBANKE: Coletivo cultural debaixo do viaduto do lado do metrô Artur Alvim.

# Entrevista com as Pretas Bàs do Espaço Cultural Adebanke

https://jornalempoderado.com.br/33484-2/v por: Lisbeth

# Jornal Empoderado – Como vocês se conheceram?

**Pretas Bàs** – Essa história começa na década de 80, onde elas participam do grupo de *União e Consciência Negra* que trás a resistência e a luta do nosso povo negro. Esse grupo tinha núcleos de base em níveis regional, estadual e nacional. Em um desses encontros a Angelina conhece a Graça, posteriormente, em outras reuniões regionais conhecem Marlene.

#### JE – Quais eram as atividades destes núcleos da União e Consciência Negra?

**Pretas Bàs** – Tinham cursos de formação sobre as histórias que não foram contadas através da oralidade, teatro, dança, celebrações afros, musicalidade e conscientização e luta das mulheres negras. As comunicações que eram realizadas nos locais, foram feitas através de boletins e quem participava recebia os informativos através de cartas. As assembleias eram preparadas nos Estados, onde tiravam os delegados de cada núcleo e os mesmos representavam a sua própria regional para poderem chegar no nacional, sempre fizeram parte da coordenação do Estado de São Paulo.

# JE- Em quais espaços físicos se reuniam?

**Pretas Bàs** - Reuniam-se em casas de diversas mulheres negras, onde estavam crescendo os núcleos. Podemos ressaltar Angelina, Dona Teresa e sua filha Terezinha. A Dona Teresa Leite doa um terreno em nível nacional para o *GRUCON*, que fica localizado no Ermelino Matarazzo, para haver um lugar fixo para as reuniões e assembleias, nomeado *Quilombo São Benedito*. Sempre houve a necessidade de ter um espaço para se reunirem , diante desta falta nasceu o sonho e a espiritualidade , a ancestralidade encarregou-se de encontrar...

#### JE- Como este Espaço Cultural Adebanke chegou até vocês?

**Pretas Bàs** - Dentro do trabalho que já existia no *GRUCON*, criamos um Projeto chamado *Cantinhos*, outras lideranças de cultura se aproximam, como o *grupo Babalotim*. Tivemos um convite desafiador do Supervisor de cultura da região, fixar seu coletivo debaixo do viaduto do lado do metrô Artur Alvim. O local tinha pessoas em situação de vulnerabilidade social e drogadição.

#### JE – Como ocorreu assumir o local?

**Pretas Bàs** – O espaço era ocioso e a maioria dos conviventes não aderiram ao novo projeto. A vontade de transformar, revitalizar e dar um novo significado era grande. Ele chamava-se temporariamente de Espaço *Babalotim*, porque neste momento, era o coletivo que tinha a documentação.

Como tinham outros coletivos envolvidos, resolvemos batizar com um nome que representasse a todos que ali estavam, nomeando como *Espaço Cultural Abake* (simbolizada com o logotipo dos pés, que significa o caminhar entre África e Brasil). Quando o outro grupo saiu da administração, mudamos o nome para *Espaço Cultural Adebanke*, nome nigeriano feminino que significa: *Deus está cuidando dela* (dela no sentido de cultura, agora com o símbolo no logotipo das mãos como acolhimento).

#### JE – Como vocês apresentam o projeto para comunidade?

**Pretas Bàs** - O Coletivo Cantinhos, *Babalotim* e o supervisor de cultura se reuniram para realizar uma apresentação do projeto na Praça Juparanã no bairro do Jardim Nordeste, Zona Leste de São Paulo. Tivemos música, percussão, capoeira, barracas de artesanato, de beleza, uma praça de alimentação de comidas típicas. Houve a inauguração do *Bloco Afro Abake*, que foram recebidas por algumas pequenas agremiações, para nos fortalecermos mutuamente, sendo uma grande manifestação cultural para a região.

#### JE – Houve alguma situação que não foi positiva?

**Pretas Bàs** – Tiveram diversas dificuldades e até pensamos que não daria certo, porque poucas pessoas estavam nos eventos. A dois anos atrás nós furtaram e isso nos trouxe muita tristeza, contudo, não desistimos, continuamos na luta e de uns tempos para cá a comunidade está acolhendo ,percebendo que este espaço de cultura é local de resistência e é deles, onde respeitando e ajudando eles só têm a ganhar.

"Somos um tripé, uma dá força para a outra. Acreditamos que a cultura salva vidas."

Pretas Bás

# JE -Nos fale sobre alguma parceria conseguida pelo Espaço Cultural Adebanke?

**Pretas Bàs** – A professora Vermelha entrou em contato com o projeto, para realizar um seminário, cedemos o espaço, um dos convidados era o *Mestre Pedro Peu*. A Marlene, teve uma grata surpresa ao saber que o Mestre, era o Pedrinho e que já se conheciam através do *Grupo União e Consciência Negra*, posteriormente ele e Marlene fazem uma surpresa para a Angelina deste belo reencontro.

# JE- O que surgiu desta parceria?

**Pretas Bàs** – O Mestre Pedro Peu realizou um projeto de resgate chamado *Batakerê gira com GROUPON*, em um final de semana, que consistia em fazer um reencontro para falar como foi a sua experiência fora do país com tudo que aprendeu no núcleo. Enfeitamos o espaço com cartazes, um varal com as fotos, documentos e as camisetas de cada ano de quando se reuniam no grupo nível nacional, alegrado com muita música, dança e capoeira, posteriormente Pedro Peu começou a dar aulas de *Capoeira de Angola*.



Mestre Pedro Peu, Inaiá Araújo e Pretas Bàs - Espaço Cultural Adebanke

#### JE- Existem outros coletivos parceiros?

Pretas Bàs - O Mestre Pedro Peu trouxe uma apresentação de jongo para Encontro de Mulheres da Periferia e ali estavam Douglas e Anelise que são responsáveis pelo coletivo Grupo Fragmento Urbano, a partir daí criamos alguns encontros, e posteriormente resolvemos fazer uma ação cultural com outros coletivos que chamamos de Fuziê. Através do boca a boca o pessoal foi chegando e tornando-se pertencentes e outros grupos se juntaram como: Grupo Batakerê, Fragmento Urbano, Núcleo Ximbra, Zumb.Boys Calcaneos e a partir destes, outros coletivos foram chegando.

# JE- Quais eram as atividades presenciais?

**Pretas Bàs** – Já tivemos oficina de percussão com a Mestra Marlene Santana, berimbau (confecção e oficina) com o Mestre Manganga, Xequerê (confecção e oficina) com Mestra Inaiá Araújo, Quadrilha de Herança Suldestina, Cachê Gestão, Diário de um Artista, Tango na periferia ,Yoga na Quebrada e a ação de *Grafite na Quadra* com a revitalização do espaço, com o grafiteiro Che.

De apresentações: Tivemos O *Cine na Quadra* – Filme com convidados e debate (última sessão foi exibido *Sem Asa* e *Empoderadas*, o *Boteco das Pretas Bàs* (periodicamente) e temos *Chás das Pretas*, o *Boteco das Pretas*, *Sarau e Slam do Adebanke*.

De aulas: *Capoeira Angola Sim Sinhô*, com Mestre Pedro Peu . Oficinas de Samba Rock e o evento Projeto *Samba Rock di Quebrada*. Alguns eventos são grátis , outros contam com contribuição voluntária e as oficinas têm valor fixo (precisa de consulta prévia).

# JE- Quais das atividades vocês conseguiram dar andamento neste período de isolamento social?

**Pretas Bàs** – Continuamos realizando *lives* com o *Chás das Pretas* (aberto) com uma data prévia e uma temática. *Chá das Pretas* (filhos), são as pessoas que apoiam e estão no coletivo. *Chá das Pretas* (individual), que é realizado com agendamento prévio, que consiste em uma hora de conversa particular com as três, com escuta, respeito e sigilo. Acontecem cada um em uma data, todas as terças das 16h às 19h.

#### JE- Visitaram o local ultimamente?

**Pretas Bàs** – O nosso último evento foi dia 15 março com uma festa para as crianças, no começo do isolamento os alguns dos responsáveis passaram para cuidar do espaço. Dias atrás estivemos pessoalmente no local (com todos os cuidados necessários) para limpar e houve uma ação, do posto de saúde do A.E Carvalho de vacinação com a comunidade, parceria que queremos manter futuramente.

#### JE- Como vocês se tornaram as Pretas Bàs?

**Pretas Bàs** - Em um dos eventos do *Fuzuê* pensamos em uma apresentação que trouxesse musicalidade e oralidade, fizemos uma performance da música da Clara Nunes que fala das **Pretas Bàs**, por coincidência, as três escolheram a mesma canção e concordaram que foi porque a música fala de quanto ela construiu e multiplicou.

No dia a Graça atuou como a Preta Bá, a Angelina cantou e Marlene tocou, para representar a continuidade da luta a jovem Manuela (que está com as *Pretas Bás* desde o início), participa da apresentação, junto com a Marilise. Todos que presenciaram ficaram impactados e emocionados e dali já surgiu o nome e posteriormente tornou-se definitivo através de Douglas e Anneliese do *Coletivo Fragmento Urbano* que faz um documentário conosco e já com o nome de *Pretas Bàs*.



Angelina, Maria da Graça e Marlene - Espaço Cultural Adebanke

# JE-O que é para você ser uma das Preta Bàs que todos respeitam e chamam de mãe?

**Angelina** – Ser mãe é acolher , dar o colo e quando precisar puxar a orelha. Somos mulheres de resistência que são firmes para ninguém passar por cima e respeito à ancestralidade.

**Graça** - Sou mãe de coração desses filhos do Espaço Cultural Adebanke, ser uma delas é receber total carinho, respeito e amor. Que me traz mais experiência, vivência, sinto-me incluída e fortalecida em todo esse reconhecimento.

Marlene – Para mim é um presente divinos dos orixás...É levar esta bandeira de dignidade, honestidade, tudo que é colocado no espaço o sigilo, o respeito e ter sempre ativo a consciência negra. Ter dedicação, empenho frente a ancestralidade, de ter força de resistência, do que passou e passa neste país como mulher preta. Não é pelas que homenagem é por aqueles que não são vistos.



Filhos em evento no Espaço Cultural Adebanke

# JE- O que fazem vocês continuarem apesar de todas as dificuldades?

Angelina – "A ancestralidade a espiritualidade é forte dentro da gente e não tem como parar em 40 anos de luta, houve sempre uma junção de tudo. A bandeira de luta é grande e não dá para parar...Arrastando a bengala e enquanto houver com força na voz, vamos gritar essa liberdade, podendo não ser para nós, mas pode ser para as crianças. Continuaremos na resistência".

**Graça** – A luta é grande. A mulher negra sempre sofreu mais, desde os quilombos foram fortes e aguerridas e resistiam. Como no Candomblé que lutaram , libertaram muitos negros e são exemplos que hoje trazemos , pensamos em todas essas mulheres que libertam esse povo. Por isso repito: A luta é grande! A juventude, deve continuar na luta, que sejam mordidos por ela e sejam sempre resistência.

Marlene – Tenho a identidade e a consciência que me move vendo tantas mulheres que estavam iniciando, lutando, indo para cima em todos os campos da sociedade. Apesar das diferenças é importante a identidade e a luta. Temos uma consciência de classe, que algumas vezes é trabalhosa, desgastante e não precisava nada disso, contudo toda hora temos que provar...A resistência ancestral também é através da música que ecoa o tambor e mesmo aqueles que não querem ouvir vão ouvir...





Embaixo do viaduto também nascem flores! Essa é uma frase grafitada no **Espaço Cultural Adebanke**, contudo, depois desta leitura agora sabemos que nasce cultura, conhecimento, afetividade, empoderamento e luta. Essas três rainhas-guerreiras resistem e motivam-nos a continuar, com sua luz da espiritualidade, caminhos da ancestralidade e pedindo a benção das **Pretas Bàs** que terminamos essa conversa.

A seguir temos uma lista de perguntas feitas para Angelina durante a gravação do vídeo. Um dos exercícios que podem ser feitos para gerar reflexão e discussão é identificar se e em quais momentos elas responderam essas perguntas ou falaram sobre esses temas utilizados como ponto de partida para a entrevista e gravação. As perguntas foram elaboradas a partir dos conceitos-chave trazidos pela Marcha das Mulheres Negras à equipe de gravação.

# Perguntas para Angelina:

- O que a levou para esse grupo (União e Consciência Negra) de encontros e resistência?
- Como enxerga a relação da ancestralidade africana com a experiência vivida no Brasil, aqui na diáspora?
- Por que o grupo escolheu especificamente Arthur Alvim para criar esse espaço coletivo de cultura e resistência política?
- Ainda há sonhos que possam ser realizados?
- Com quem e como aprendeu a arte de benzer?
- O benzimento é um dom e deve ser usado apenas para caridade?
- A reza nasce da referência de alguém ou do coração?



Atividade da Marcha das Mulheres Negras SP no espaço cultural Adebanke em 2018.

#### Possíveis temas para abordagens:

- Uma das possibilidades de diálogo é a pesquisa e visita em um evento cultural no Adebanke que fica localizado no bairro de Arthur Alvim em São Paulo. O espaço tem ensaios, chás, saraus, apresentações, exibições de filmes e outros eventos. Com certeza vale a visita e possibilita outras possibilidades de abordagem através da vivência no espaço.
- Após a pesquisa ou visita ao Adebanke outra possibilidade é a comparação com outros espaços culturais conhecidos ou existentes em seu bairro. Caso não conheça, fica o convite para mapear e conhecer as iniciativas culturais do seu bairro ou cidade.
- Um dos temas abordados por Angelina Reis no documentário é a benzeção.
   Uma atividade ancestral. Vale também a pesquisa e conversa sobre características desse ritual, uma parte importante da identidade e cultura brasileira.
- As Pretas Bás são conhecidas por liderarem coletivamente um espaço cultural e organizarem as atividades de arte e política do espaço. Uma possibilidade bacana é pesquisar e conhecer outros coletivos criadores. Citamos a Marcha das Mulheres Negras e as Clarianas.







A Marcha das Mulheres Negras foi idealizada em 2011 no Encontro Ibero-Americano do Ano dos Afrodescendentes, que aconteceu em Salvador, e promovida por várias entidades ligadas ao movimento negro. O objetivo é aglutinar o máximo de organizações de mulheres negras, assim como outras organizações, do Movimento Negro e da sociedade, que apoiem a equidade sociorracial e de gênero.





Coletivo Marcha das Mulheres Negras de São Paulo que ajudou a construir a Marcha das Mulheres Negras contra o Racismo, a Violência e pelo Bem Viver, que levou a Brasília cerca de 50.000 mulheres em 2015. Em São Paulo, realizamos algumas marchas vitoriosas e colocamos milhares de pessoas nas ruas, denunciando o racismo e o machismo, o retrocesso político e celebrando nossa força e nossa energia pela vida das mulheres negras, de todas as mulheres.

Reivindicamos o Bem Viver por acreditarmos em outras formas de gestão do coletivo e do individual. Ao exigir outra economia, sustentada nos princípios de solidariedade, reciprocidade, responsabilidade e integralidade, o Bem Viver nos inspira a criar alternativas às relações exploratórias do capitalismo. Marchamos contra o racismo, o feminicídio, o machismo, o etnocídio, a lesbofobia, a bifobia e a transfobia, o racismo religioso e todas as formas de violência e violação dos direitos humanos.





# Nem cárcere, nem tiro, nem Covid: corpos negros vivos! Mulheres negras e indígenas! Por nós, por todas nós, pelo bem viver!

Manifesto Marcha das Mulheres Negras de SP em 2020

https://www.geledes.org.br/nem-carcere-nem-tiro-nem-covid-corpos-negros-vivos-mulheres-negras-e-indigenas-por-nos-por-todas-nos-pelo-bem-viver/?fbclid=IwAR3PfrX5w-Yna9jOR8x4eifqZqdqzFyixvm0hl5TaTevV1TmhtvUE1-Nc84

Nós, mulheres negras, indígenas e imigrantes, reunidas neste 25 de julho de 2020, viemos, mais uma vez, denunciar o racismo do Estado brasileiro contra nossos corpos. A data marca o Dia Internacional da Mulher Negra Latino-americana e Caribenha e o Dia Nacional da Mulher Negra, criado no Brasil em homenagem à quilombola Teresa de Benguela. Estamos juntas e unidas lutando por nós, por todas nós, pelo Bem Viver e contra o genocídio do povo preto, dos povos indígenas, de LGBTQIA+ e contra todas as formas de opressão.

Em 2015, tomamos as ruas no dia 18 de novembro para realizar, em Brasília, a Marcha das Mulheres Negras – Contra o Racismo, a Violência e pelo Bem Viver, que reuniu cerca de 50 mil mulheres negras de todos os recantos do Brasil. Hoje celebramos os 5 anos da Marcha, um marco político e organizativo da luta das mulheres negras.

Em São Paulo, também temos celebrado a data, em Marcha, e desde 2016, reunimos mais de 15 mil mulheres negras que tomaram as ruas da cidade celebrando também este legado! Demonstramos nossa indignação, mas também nossa força, reafirmando nossa luta e solidariedade à todas mulheres que engrossam cada vez mais o coro pelo Bem Viver.

Em 2020, realizamos nossa 5ª Marcha das Mulheres Negras de São Paulo, agora de maneira virtual em função da Covid-19, e apresentamos para a sociedade questões que nos afetam diretamente e que queremos ver enfrentadas por todas as pessoas que acreditam num novo projeto democrático de país.

Reivindicamos o Bem Viver, por ele resgatar as formas ancestrais de gestão do coletivo e do individual, com respeito aos nossos corpos e à natureza. Exigimos outra economia, sustentada nos princípios de solidariedade, reciprocidade, responsabilidade e integralidade.

No Brasil, a pandemia escancarou as desigualdades econômicas, sociais e raciais. A crise sanitária mostrou que o racismo estrutural impõe à população negra a maior vulnerabilidade diante da Covid-19, pois é esta parcela da população que segue sem acesso aos direitos básicos de saúde, saneamento, educação e moradia, particularmente, mulheres negras, pobres e trabalhadoras informais.

Enquanto a elite e parte da classe média puderam – e continuam podendo – trabalhar de casa com todos seus direitos assegurados, milhares de trabalhadoras e trabalhadores negros, pobres e periféricos, que já ocupam postos de trabalhos precarizados, não puderam cuidar de sua saúde e proteger seus familiares. Crianças e jovens pobres e periféricos foram profundamente afetados pela política educacional que não levou em conta a falta de condições e equipamentos básicos para que elas pudessem continuar estudando e se formando.

Nesse contexto, milhares de trabalhadoras domésticas também foram obrigadas a continuar trabalhando na casa grande moderna, sem nenhum dos seus direitos e conquistas respeitados. Nos lembramos de Mirtes Renata, obrigada a trabalhar durante a pandemia e levar seu filho, o menino Miguel de 5 anos, para a casa da patroa Sari Corte Real, que o abandonou no elevador, ocasionando sua morte num trágico e evitável episódio, em Recife.



São as mulheres negras e pobres, trabalhadoras informais que têm sua condição agravada, pois, além de estarem nas ruas, batalhando pelo sustento da família, assumem os cuidados com a casa, as crianças, os idosos e os doentes próximos. E ainda têm enfrentado o aumento da violência doméstica em níveis alarmantes durante a pandemia.

O autoritarismo e o racismo institucional não apenas crescem como seguem referendados pela política genocida do Estado, que investe toda sua força policial em intervenções em favelas e comunidades, matando indiscriminadamente e provocando um verdadeiro genocídio contra a população negra, principalmente a sua juventude.



Mulheres negras durante ato de 8 de março em São Paulo - Elaine Campos

Vivemos um momento em que os direitos humanos, direitos sexuais e direitos reprodutivos sofrem ataques por parte de setores conservadores em que as mulheres, trans, travestis e lésbicas têm sido os principais alvos. Potencializado pelo discurso de ódio, o número de casos de violências, agressões e feminicídios só têm aumentado.

Na saúde, o racismo institucional se revela por uma divisão desigual de acesso e tratamento dentro do sistema, resultado expresso em qualquer indicador oficial, que

demonstra a maior mortalidade por Covid-19 entre a população negra e periférica. Essa situação é agravada pela política negacionista deste governo, que promove o sucateamento do Sistema Único de Saúde (SUS).

O governo de São Paulo, na mesma trilha do governo federal e seus aliados, tornou o estado o epicentro da pandemia, ao negligenciar a situação daqueles que deveria proteger, deixando milhares de mortos e famílias fragilizadas.

Neste momento, em que a democracia está ameaçada pelo crescimento do fascismo, do racismo, do patriarcalismo e do fundamentalismo, nós, mulheres negras, nos somamos a todas as forças que lutam pelo fim do governo Bolsonaro e de todos aqueles que ocupam espaços de poder e compactuam com sua necropolítica.

Erguemos nossas vozes contra o encarceramento em massa, o capacitismo, a lesbofobia, a transfobia, a intolerância religiosa, a xenofobia, o etarismo e em defesa de todas as Mulheres Negras, onde quer que elas estejam. Resgatamos nossa aliança de parentesco com as indígenas e marchamos pela construção de um novo marco civilizatório, no qual todas as mulheres negras possam viver com dignidade, alegria e prazer.



Reafirmamos nossa luta através da arte, na música, na poesia, no teatro, na dança, na moda e no cinema, reafirmando nosso compromisso com nossas artistas negras que foram o norte para toda uma geração e deixaram um legado de beleza e resistência para todas nós.

Somos mulheres negras, indígenas, lésbicas, bissexuais, trans e travestis, quilombolas, ativistas e ciberativistas, jovens, idosas, estudantes, educadoras, donas de casa, militantes, artistas, desempregadas, profissionais liberais, profissionais do sexo, servidoras públicas, comunicadoras, professoras, catadoras de recicláveis, profissionais da saúde, defensoras de direitos humanos, parlamentares, jornalistas, católicas, protestantes, de terreiro, sem religião, mas com fé na força de cada uma de nós.

A nossa diversidade é a nossa força! Somos feitas de luta, coragem, resistência, ousadia e afetos.



Junte-se a nós!

Marcha das Mulheres Negras de SP 2020

Facebook: @mmnegrasSP

Instagram: @marchadasmulheresnegrassp

#### **EIXO 2 - PROPOSTAS E TEMAS**

#### 1. MEMÓRIA

A memória é a capacidade de armazenar informações de modo que essas possam ser recuperadas quando buscamos recordá-las. Ocorre pela formação de conexões pelos neurônios ou células nervosas no cérebro. Tais conexões são ligadas por pontos chamados sinapses.

Quando captamos informações através dos órgãos visuais elas são encaminhadas para diferentes partes do córtex visual. O córtex frontal recebe informações operacionais de curto prazo como as de utilização imediata. Tais informações são encaminhadas para o hipocampo que é responsável pelo armazenamento em longo prazo que utiliza fatores emocionais vinculados a tais informações para que estas possam ser reativadas quando requeridas.

A memória é a possibilidade de acessar, na atualidade, episódios ocorridos em outros momentos. Ao acioná-la, o sujeito tem a possibilidade de negociar sua auto representação, seus desejos, seus projetos e valores. Assim, a memória também está profundamente relacionada ao processo de construção da forma como nos percebemos como sujeitos, ou seja, de nossa identificação, pois o sujeito recupera suas vivências e trajetórias que irão guiar a constituição de sua identidade a partir da memória. Neste texto nos importa refletir sobre como racismo pode engendrar nossas memórias individuais/corporais, coletivas e históricas. E como a história hegemônica pode moldar a forma como nos percebemos como negro, muitas vezes em um lugar de subalternidade e baixa autoestima. É ainda, objetiva ressaltar a possibilidade de resgate de novas memórias, de memórias ancestrais, e a ressignificação da relação do sujeito com o corpo negro.

A memória pode ser entendida como a possibilidade do sujeito em registrar, conservar e evocar acontecimentos vividos, assim as nossas lembranças são armazenadas a partir de elaborações das experiências apreendidas. É interessante pensar que a memória está diretamente ligada a experiências que já aconteceram, ou seja, está relacionada com o passado. No entanto, algumas lembranças são acessadas quando engatilhadas por alguma emoção; são os gatilhos atuais, aquilo que estamos vivendo, que nos fazem lembrar o que se passou. Nosso corpo também possui memórias. A memória corporal é uma lembrança ligada ao corpo que pode ou não ser

compreendida de maneira consciente ou inconsciente. Podendo ser desagradável ou agradável, isto vai depender dos estímulos experimentados e/ou ressignificados durante a vida. Se pensarmos que as experiências de prazer e desprazer constituem como etapa fundamental de nosso processo de subjetividade e essas sensações são percebidas no âmbito físico, portanto o corpo, é possível pensar que o corpo configura a construção de nossa subjetividade.



https://www.mercadoblackmoney.com.br/ela-mandela/produto/memoria-negra-calendario-2021-pdf

Todas essas experiências, que até hoje acontecem, ficam guardadas na memória. Infelizmente, várias pessoas negras experimentam situações como estas, então, podemos pensar em uma memória coletiva, uma memória histórica em que as vivências são partilhadas. Não há como pensar as memórias sem pensar que elas estão situadas em contextos históricos. Por exemplo, antes de nascer, o sujeito negro já havia vivenciado várias humilhações durante sua vida. Nascemos em um contexto em que já existem verdades sobre nós e que absorvemos. Muitas dessas memórias históricas podem levar o negro a depreciar a sua constituição e tudo aquilo que se relaciona com o negro.

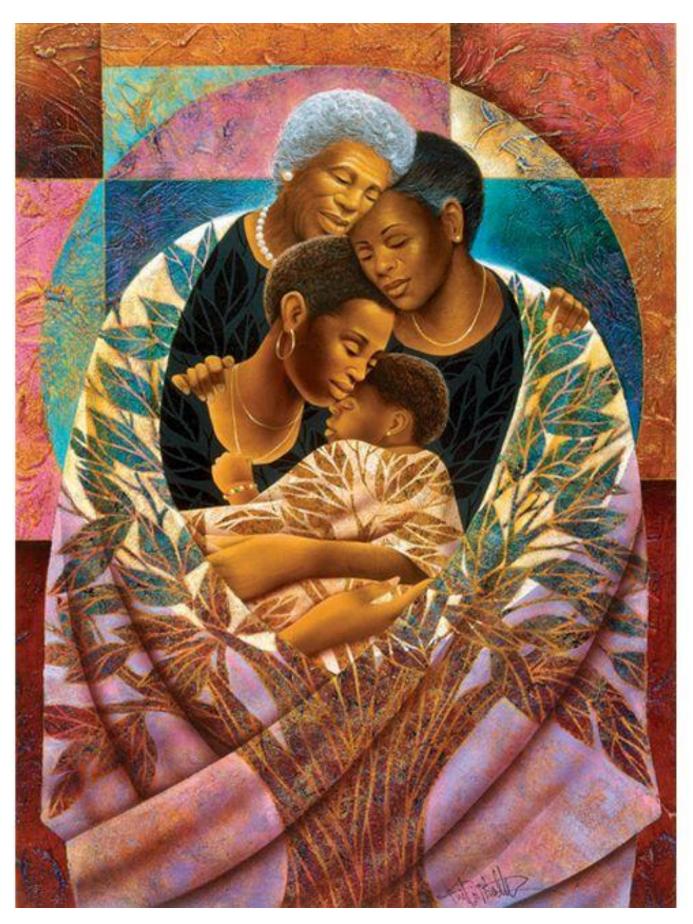
# Possíveis temas para abordagens:

- Uma das possibilidades de diálogo é a pesquisa sobre memória individual, memória coletiva e memória familiar. Uma das atividades possíveis para refletir sobre memória é construir a sua árvore genealógica com nomes, dados e imagens.
- Outra possibilidade é criar um sarau de memórias, coletando e compartilhando memórias de pessoas conhecidas, familiares ou conhecidos. Valorizar a memória das pessoas ao nosso redor é fundamental.
- Um dos temas abordados por Angelina Reis e Tia Cida no documentário são suas memórias Vale também a pesquisa e conversa sobre características desse ritual de recordar lembranças.
- Outras possibilidades contemplam a pesquisa e relacionamento dos conceitos de memória Individual, memória coletiva, memória familiar, além da criação de árvore genealógica, pode-se mapear e conversar com as matriarcas na família, e coletar memórias da família
- Quando pensamos na existência coletiva do conceito de memória podemos buscar relações da memória coletiva dos povos e em específico do povo negro e as memórias dessa comunidade.
- No projeto do filme uma das ações realizadas foi a discussão a partir de imagens.
   Fotografias, pinturas e colagens podem trazer dados de memórias e serem disparadores de memória. Abaixo temos um dos artistas inspiradores, Keith Mallet.









Obra do artista Keith Mallet utilizada com inspiração para criação.

### 2. SAMBA

O samba é o ritmo símbolo de **resistência da cultura negra**. E as **mulheres negras** foram essenciais para que ele pudesse seguir existindo no período pós-escravidão. Se não fosse por elas, o samba não existiria hoje.O samba começou como um gênero predominantemente masculino. Mas grande parte do sucesso desses sambistas coube às vozes de mulheres que revitalizaram o samba com muita suavidade e emoção. Clementina de Jesus, Jovelina Pérola Negra e Dona Ivone Lara formaram a tríade do samba carioca, vozes legítimas da raiz africana no Brasil. Com Clara Nunes o samba arrebatou-se com a força da mulher e segue seu destino até hoje nas vozes de Beth Carvalho, Alcione, Leci Brandão, Mariene de Castro, Nilze Carvalho, entre outras.



### Possíveis temas para abordagens:

- Quais as dificuldades encontradas pelas mulheres compositoras diante do ato de criação e divulgação de suas composições, num ambiente até então exclusivamente masculino?
- Como foi o papel de mulheres que se tornaram pioneiras como compositoras de samba. Entre elas, Dona Ivone Lara e Leci Brandão?
- Foi no quintal de Tia Cida que surgiram muitos dos sambas do movimento conhecido como Berço do Samba de São Mateus, reunindo compositores e intérpretes em uma das rodas de samba mais famosas da região. Quais os outros territórios do samba?
- Pesquisa sobre História do Samba, Instrumentos, Canções/Letras e Personagens
- Sugestões de pesquisa: Samba das Negras em Marcha, Samba de Dandara e instrumentos musicais utilizados no samba.



Alguns instrumentos utilizados no samba.

# 3. TERRITÓRIOS

Território pode ser uma **área delimitada sob uma posse**, seja de um animal, uma pessoa ou de um grupo, de uma organização ou de uma instituição. O termo pode ser também utilizado na política, na biologia e na psicologia. No conceito tradicional de geografia, território é usado para estudar as **relações entre espaço e poder desenvolvidas pelos Estados**, especialmente os Estados nacionais.

No contexto político, refere-se a superfície terrestre de um Estado, seja ele soberano ou não, ou também o espaço físico sobre o qual o Estado exerce seu poder soberano. Para as teorias gerais de Estado, diplomacia, relações internacionais e nacionalidade, território é uma das condições para a existência e o reconhecimento de um país.

Algumas pessoas confundem território com **fronteiras**, porém, a fronteira é o limite entre duas partes distintas, sendo ela que determina a área territorial precisa de um Estado, a sua base física e são feitas através de delimitações territoriais e políticas que, garante aos seus estados a autonomia e a soberania desses perante os outros.



Artur Alvim é um distrito que integra a subprefeitura da Penha, situado na zona leste de São Paulo.



Localização de Arthur Alvim no mapa de São Paulo



O distrito de Artur Alvim fica localizado na zona Leste de São Paulo. O nome do bairro é uma homenagem ao engenheiro ferroviário Artur Alvim, que foi um importante funcionário da ferrovia Central do Brasil. Artur Alvim participou da construção da Estrada de Ferro Central do Brasil, que corta o bairro. Essa obra contribuiu para que a primeira escola municipal da região surgisse. Com o passar dos anos, o bairro e toda a região foram se desenvolvendo bastante.

Este distrito situado na Zona Leste abrange os bairros de: Artur Alvim, Cidade A.E. Carvalho, Conjunto Habitacional José de Anchieta, Conjunto Habitacional Padre Manoel da Nóbrega, Conjunto Habitacional Padre Manoel de Paiva, Jardim Artur Alvim, Jardim Brasil, Jardim Cardoso, Jardim Coimbra, Jardim Marina, Jardim Nordeste, Jardim Olímpia, Jardim São João, Jardim São José, Parque Artur Alvim, Parque Bela Vista, Parque das Paineiras, Parque Paineiras, Vila Campanela, Vila Nhocuné e Vila Santa Teresa.

### Possíveis temas para abordagens:

- Acima apresentamos uma pesquisa introdutória sobre o bairro de Artur Alvim, sua localização, história e imagens. Essa mesma pesquisa pode ser realizada para conhecimento do bairro de São Mateus onde nasceu e mora Tia Cida.
- Quais as dificuldades encontradas pelos moradores do seu bairro? Como o bairro influencia a vivência de seus moradores
- Coletar histórias dos bairros contadas por moradores. Alguém da comunidade mora desde a fundação, participou dos primeiros dias e anos do nascimento do bairro?
- Foi no quintal de Tia Cida que surgiram muitos dos sambas do movimento conhecido como Berço do Samba de São Mateus, reunindo compositores e intérpretes em uma das rodas de samba mais famosas da região. Quais os outros territórios do samba?
- Uma das atividades bacanas para conhecer seu bairro é realizar um mapeamento de espaços do bairro.



Sugestão de leitura para pequenos: Meu bairro é assim de César Obeird.

#### 4. SAGRADO

O sagrado, como substantivo, se relaciona com a santidade e é típico de religiões monoteístas. Santidade é, em geral, o estado de ser santo (percebido pelos religiosos como os indivíduos associados com o divino) ou sagrados (considerados dignos de respeito e devoção espiritual, ou que inspiram temor ou reverência entre os crentes em um determinado conjunto de ideias espirituais). Em outros contextos, os objetos são muitas vezes considerados santos ou sagrados, se utilizado para fins espirituais, como o culto dos deuses ou serviço. Estes termos também podem ser usados em um contexto não espiritual ou semi espiritual ("sagradas verdades", em uma constituição, por exemplo).



Muitas vezes, é atribuída a pessoas ("um homem santo" de profissão religiosa, "santo profeta", que é venerada por seus seguidores), objetos ("sagrado artefato" que alguém adorava), tempos ("dias santos" da introspecção espiritual, tais como durante os feriados religiosos), ou lugares ("solo sagrado", "lugar sagrado"). O sagrado é todo e qualquer objeto (abstrato ou concreto) ao qual se atribui um poder, uma força sobrenatural capaz de realizar aquilo que os homens julgam impossível e de interferir ou, até mesmo, comandar os acontecimentos naturais.

Antigamente todos recorríamos a benzedeiras para diversas situações. É de conhecimento coletivo que todos temos energia suficiente para interagir.Basta canalizar sua energia e acreditar firmemente na ação acontecendo.



As técnicas de auto benzimento são ideais para quem acredita na essência divina. O ato de se benzer significa algo bento ou santo. Benzer alguém ou a si mesmo significa rezar pela sua alma e afastar todo o mal que esteja a afligindo. O benzimento com arruda e como fazê-lo sozinho, com técnicas e condições para trabalhar esse ritual de espiritualidade. Sobre a arruda, essa planta é conhecida por ser uma das mais poderosas no combate ao mau olhado e a inveja. Além da proteção, ela vibra prosperidade e entusiasmo.



Os orixás são divindades da mitologia africana iorubá que se popularizaram no Brasil com as religiões de matriz africana Umbanda e Candomblé.

### Possíveis temas para abordagens:

Abaixo compartilhamos uma lista de perguntas feitas para Tia Cida durante a gravação do vídeo. Um dos exercícios que podem ser feitos para gerar reflexão e discussão é identificar se e em quais momentos elas responderam essas perguntas ou falaram sobre esses temas utilizados como ponto de partida para a entrevista e gravação. As perguntas foram elaboradas a partir dos conceitos-chave trazidos pela Marcha das Mulheres Negras à equipe de gravação. Acreditamos que todas as perguntas abaixo se relacionam de alguma forma com o tema do sagrado.

### Perguntas Entrevista:

Seus passos vêm de longe? De onde eles vêm?

Como a cultura atua na disseminação/vivência da ancestralidade?

O que você acredita que se aprende/experiência com a cultura?

Como nasce seu respeito à ancestralidade?

Houve um momento onde você não via importância nisso?

É possível ser uma ancestral em vida?

Você se considera uma ancestral em vida? Por quê?

Como a ancestralidade te dá força?

A resistência nasce na ancestralidade?

Quem são as mulheres ancestrais que marcaram sua vida?

A ancestralidade é uma porta aberta?

O que entra e o que sai dessa porta?

O sagrado é presente em muitas culturas e se apresenta de diferentes formas.
 Muito importante entendermos e discutirmos essas variações e descobrimos a importância de se respeitar diferentes manifestações do sagrado.

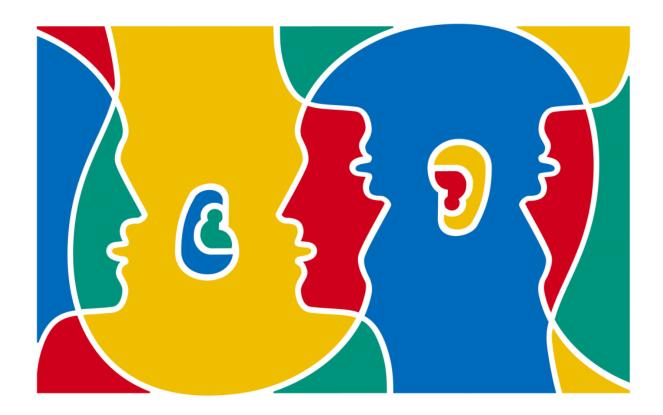
### 5. ORALIDADE

Falar dos povos originários é falar da sua oralidade e ancestralidade. Ambas se completam no espaçamento cultural de cada uma das etnias presentes hoje no Brasil. Para os povos indígenas o SAGRADO permeia todas as relações deste povo. Cada gesto, palavra ou detalhe de sua manifestação cultural, pontua as marcas fortes desta oralidade e ancestralidade. Sua organização humana e social é delineada pela riqueza de uma sintonia entre o sagrado e a vida cotidiana, norteadas pela ação dos anciãos. Pessoas que tem o seu lugar social de profundo respeito. Em outras palavras, a cultura possui no seu cerne a religiosidade, que é o jeito próprio deste povo, reverenciar o imanente transcendente.



Aluno da EM Coelho Neto em oficina de Slam desenvolvida por profissionais do Niap.

Muito interessante esta forma de lidar com estes dois matizes, a ORALIDADE e a ANCESTRALIDADE. Elas se complementam numa ESPIRITUALIDADE que vai ditando a vivência de cada um, no chão sagrado da sua existência. Uma simbiose que marca a relação entre os indígenas e a sua visão do sagrado, definindo a sua COSMOGONIA e o seu jeito de ser no espaçamento da dinâmica da vida.



As comunidades indígenas são sociedades eminentemente de TRADIÇÃO ORAL. Seus SABERES são repassados diuturnamente de geração para geração, por meio da oralidade. Todas as suas narrativas passam por esta lógica A transmissão de todos os CONHECIMENTOS/SABERES, são feitos obedecendo sempre esta forma. Assim, são povos ágrafos que tem nesta forma de viver a transmissão dos saberes, através da oralidade.

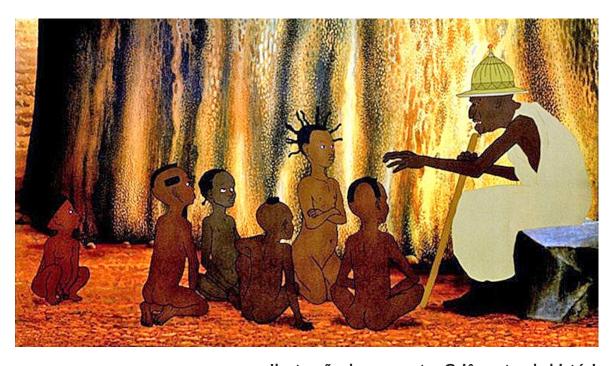


Ilustração de um mestre Griô contando histórias.



Divulgação do evento Roda de Contos por Raphael de Faria.

### Possíveis temas para abordagens:

- Uma das possibilidades de diálogo é a pesquisa sobre oralidade, saber oral e griô. Três conceitos diferentes mas que se relacionam e fazem parte da nossa vida.
- Todos nós já ouvimos e contamos histórias. A oralidade está intimamente relacionada com as histórias. Criar espaços para se contar, analisar e trocar sobre histórias é uma prática fundamental e enriquecedora.
- Após ouvir e conversar sobre histórias uma outra possibilidade é a comparação das histórias para analisar suas semelhanças, contrastes e características.
   Sobretudo nas histórias coletivas, de migração, de criação e histórias que representam lutas sociais.
- Uma possibilidade bacana é pesquisar e conhecer a forma em que a oralidade é utilizada como ferramenta para aprender e ensinar, além das práticas em oralidade (conversa dupla, conversa coletiva ou histórias de roda)

### 6. FILOSOFIAS

Não é possível apresentar uma resposta pronta, definitiva e última para a pergunta sobre a essência da Filosofia. O que apresentaremos aqui será uma tentativa de resposta genérica, mas que não deixa de partir de determinados pontos de vista que podem ser aplicados em determinadas circunstâncias.



A Filosofia é um ramo do saber que procura entender os conceitos ou as essências de tudo o que existe no mundo, criando, assim, as definições conceituais. Os conceitos, que nascem daquelas definições, são, por sua vez, significados complexos que movimentam problemáticas. Os problemas também são processos pelos quais a Filosofia funciona.

Um problema, uma pergunta, uma questão é um processo que visa a procurar uma definição sobre algo. Perguntar "o que é?", "como é?" ou "por que é?" é formular um problema, e responder a essa pergunta é criar um conceito. Portanto, perguntar o que é a Filosofia é uma atitude filosofica.



Exemplo de nuvem de palavras.

Os filósofos contemporâneos Gilles Deleuze e Félix Guattari, que escreveram um livro intitulado *O que é a Filosofia*?, afirmaram, como resposta, que "a filosofia, mais rigorosamente, é a disciplina que consiste em criar conceitos"<sup>i</sup>, ou seja, é uma área do conhecimento que se dedica a criar, moldar, formular e reformular significados para o mundo.

Há muitos anos, os movimentos sociais brasileiros de combate ao racismo têm insistido na necessidade de ressignificar as imagens difundidas das populações africanas - e de seus descendentes - como intelectualmente inferiores, trazendo elementos que desmistificam a presença da população negra em nosso país. Desde 2003, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (art. 26-A), determina que em todo o currículo dos ensinos fundamental e médio brasileiros estejam presentes conteúdos de história e cultura africana e afro-brasileira, em todos os componentes curriculares incluindo, dessa forma, a Filosofia. Eis, portanto, o momento também de pensar a filosofia em/desde outras cores.

O objetivo de trazer para discussão a filosofia africana e afro-brasileira é auxiliar na tarefa de afirmar-se aqui diversas perspectivas distintas dialogando com outras áreas do conhecimento, como educação, sociologia, antropologia, história, artes, entre outras, atendendo ao aspecto multidisciplinar que muitas vezes permeia o debate filosófico e que, também, auxilia a tarefa docente interdisciplinar. A filosofia e os exercícios do pensar também colaboram para difundir outras imagens sobre as

populações africanas e afro-brasileiras, múltiplas, plurais e que não se reduzam ao imaginário inferiorizante tão comum em nosso cotidiano, ainda marcado pelas feridas coloniais.



### Possíveis temas para abordagens:

- O filme destaca algumas palavras ditas pelas entrevistadas, essas palavras são um marco de conceitos e pensamentos das personagens centrais. Identificar quais palavras se destacam para cada pessoa é uma ótima maneira de iniciar e aprofundar discussões filosóficas.
- Uma das possibilidades de diálogo também é a pesquisa sobre diferentes filosofos e pensadores negros e relacionar suas obras com partes do filme. Indicamos: Achille Mbembe, Leila Gonzales, Neusa Santos, Angela Davis e Sueli Carneiro.
- Após a anotação das palavras que se destacam, outra possibilidade é a comparação com as palavras das outras pessoas quem também viram o filme.
- Existem mulheres filósofas na sua família? Todo mundo conhece uma pessoa que adora filosofar. Compartilhe alguns pensamentos curiosos e reflexivos que você escutou.
- É possível criar um poema com algumas palavras do filme além de criar uma nuvem de palavras como a inserida como exemplo acima.

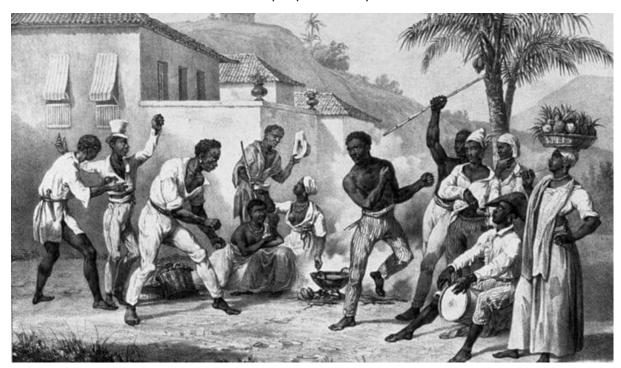
### 7. MUSICALIDADE

# A musicalidade negra como resistência

https://www.geledes.org.br/musicalidade-negra-como-resistencia/por Maíra Neiva

Gomes no História Incomum

Há mais de 500 anos, todo o saber negro foi, violentamente, sequestrado da África. Transformados/as em mercadoria, homens e mulheres africanos/as foram escravizados/as, violentados/as, invisibilizados/as nas Américas para o enriquecimento da Europa. Esses/as homens e mulheres tinham todo o conhecimento sobre o trabalho em agricultura e mineração, que desenvolveram ao longo de milhares de anos. Mas, além de ser a eles/as negada a condição de seres humanos, dignos/as de respeito, todo seu saber acumulado foi apropriado pelos colonizadores-escravistas.



Para sustentar a desumana estrutura escravocrata foi construída uma imagem social de que o/a negro/a eram seres pré-humanos, irracionais, violentos/as e que deveriam ser controlados/as. Essa imagem ainda é forte socialmente e é sob esse olhar preconceituoso que a cultura negra é analisada e segregada.

A musicalidade é um dos instrumentos mais fortes da cultura afro. Desde antes da escravização, ainda na África, músicas marcavam o tempo de trabalho coletivo e era o meio de passar todo o conhecimento para outras gerações.

Como elemento cultural de formação da identidade africana, a musicalidade também foi um dos mais importantes instrumentos de resistência à escravidão. Nas plantações de algodão dos Estados Unidos, nas lavouras de cana-de-açúcar do nordeste brasileiro ou nas minas subterrâneas do sudeste do Brasil as músicas cantavam planos de fuga, estratégias de sobrevivência de Quilombos e sonhos de volta à liberdade na amada África.

Enquanto tambores, beatbox, capoeira e danças divertiam os senhores de escravos, a cultura africana foi tolerada. Mas o fim da escravidão representou outra violência que perdura até os dias de hoje: a violência cultural.

A musicalidade afro – nos Estados Unidos – embalou o Movimento pelos Direitos Civis e fim da segregação racial nos anos 1950. E da resistência negra nasceu o rhythm and blues, o soul, o rock and roll, o rap, o hip hop.

"COMO ELEMENTO CULTURAL DE FORMAÇÃO DA IDENTIDADE AFRICANA, A MUSICALIDADE TAMBÉM FOI UM DOS MAIS IMPORTANTES INSTRUMENTOS DE RESISTÊNCIA À ESCRAVIDÃO"



No Brasil, também foi a musicalidade de raiz africana que forneceu os mais belos elementos da cultura de resistência brasileira, desde as trovas nordestinas, forró ao samba, rap, hip hop, funk e tantos outros estilos musicais marcados pela presença de elementos milenares de identidade afro.

Porém, tanto nos Estados Unidos quanto no Brasil, países cujas elites europeias mais se beneficiaram com a exploração do trabalho escravo africano, o/a negro/a continua em uma escala inferior de cidadania e acesso a direitos.

Ao/À negro/a ainda é associado/a a imagem de violência e irracionalidade. Além da segregação espacial urbana – favelização-, afrodescendentes ainda possuem acesso limitado e precário ao ensino e melhores condições sociais. E toda a nossa ancestralidade e cultura é transformada, de forma preconceituosa, em símbolos de violência.

Os ataques às religiões afros demonstram esse dolorido processo. Mas, para, além disso, é construída socialmente uma imagem que vincula o/a negro/a a criminalidade e justifica o encarceramento e o extermínio em massa, pelo Estado, da população afro. Não é à toa que a cada vinte e três minutos, um jovem negro/a é assassinado no Brasil.



Um dos instrumentos mais poderosos do Estado Racista para justificar esse massacre é a criminalização da cultura negra e, assim, impedir que a musicalidade continue sendo o maior veículo de resistência afro.

O samba e a capoeira, os mais celebrados elementos culturais brasileiros, já foram considerados crime. Desde os tempos do Império – antes da Independência – praticantes de capoeira e sambistas deveriam ser presos, por praticarem "vadiagem" ou "não tomar uma ocupação honesta e útil de que possa subsistir, não tendo renda suficiente".

Atualmente, o "delito" vadiagem, está previsto no art. 59 do Decreto Lei nº. 3.688/41 e prevê pena de prisão de quinze dias a três meses. Vadiagem é a vida errante, ociosa, sem trabalho a um patrão fixo. É considerada, pelos "especialistas", como um modo de vida ameaçador à ordem social, uma espécie de estado de perigo constante aos "bons costumes", sendo estes "bons costumes" definidos pelos próprios brancos detentores de poder. Sustentam esses tais "especialistas" que é pela vadiagem que os indivíduos são aliciados para o crime.



Apesar de todas as lutas sociais contra a discriminação racial, praticada por indivíduos e pelo Estado, a cultura negra ainda é enxergada como uma espécie de crime. E essa interpretação justifica o ataque cotidiano do aparato militar do Estado Brasileiro às comunidades e aos bailes funk.

Sem direito de organizar suas próprias festas, que geram trabalho e renda nas comunidades, além de fortalecerem a autoestima negra e descreverem a realidade do

dia-a-dia nas favelas, artistas, organizadores/as, frequentadores/as de bailes funk estão sendo presos, assassinados e silenciados pelo Estado.

Diante disso, surgiu o Observatório da Violência aos Bailes Funk um coletivo independente que visa defender a cultura afro, o direito ao trabalho, à identidade e à autoestima. Nossa intenção é ser um canal de voz dessas pessoas marginalizadas e exploradas e fortalecer a defesa da cultura popular e o direito à livre manifestação.



### Possíveis temas para abordagens:

- Uma das possibilidades de diálogo é a pesquisa sobre ritmos, artistas e canções que tragam a musicalidade negra como tema. Sugerimos Cartola, Bia Ferreira e Ellen Oléria.
- Existem pessoas que tocam instrumentos ao seu redor? Sempre vale a oportunidade de ouvir instrumentos ao vivo e conversar sobre como cada um sente a vibração das cordas e os sons.
- A musicalidade também está presente na trilha sonora do filme criada por Girlei Miranda. Musicista, atriz e multiartista Girlei é compositora e uma das percussionistas fundadoras do Ilú Obá De Min. Duas referências de musicalidades indicadas.
- Você acredita que a ancestralidade pode ser utilizada como estratégia criativa e criadora?

#### 8 - AUDIOVISUAL

Os processos interativos, procuram estabelecer a probabilidade da expressão e da criação por meios audiovisuais. Os meios audiovisuais deixam de ser apenas uma ferramenta didática, demandando uma interação continuada que permite mais do que olhar imagens, mas interpretá-las visando à criação de novas mensagens e informações.

É especialmente por meio das imagens e sons passíveis de serem anotados por ferramentas audiovisuais que se fundamenta a sociedade global. A linguagem audiovisual torna possível a veiculação de uma enorme variável de informações, sob os mais diversos contornos e gêneros.

A televisão na escola significa, não apenas mais um expediente pedagógico, mas também uma nova opção educativa de colocar essa escola no mundo, abrindo novos espaços e novas perspectivas ainda não integralmente explorados. A televisão, no mundo contemporâneo, com suas opções a cabo, suas antenas parabólicas, traz o mundo para dentro da escola por meio dos múltiplos programas, mas também introduz a escola em um novo espaço e nova perspectiva com enfoque global.



Uma das principais características do mundo contemporâneo consiste no acontecimento de que diferentes espaços se integram e se interatuam. A escola, no contexto da sociedade contemporânea não pode mais ser avaliada como um ambiente independente, mas sim um lugar dentro de outros espaços, interagindo-se

mutuamente. O grande desafio que se depara é o de integrar consciente e criticamente toda a comunidade escolar, no mundo da sociedade globalizada. Torna-se indispensável a constituição de novas metodologias que permitam a introdução de professores e educandos no mundo do cultivo de mensagens por meio da linguagem audiovisual, método que alguns autores chamam de alfabetização audiovisual.



A comunicação terá que ser de mão dupla, não somente para garantir a possibilidade da livre expressão, mas também proporcionar o próprio processo de construção do diálogo humano. A atração da linguagem audiovisual é constante, proporcionando ao público uma enxurrada de informações, que mesmo sem procedimento pedagógico, transforma-se em formação através da comunicação. Quando introduzimos os recursos audiovisuais em sala de aula, devemos nos atentar para ao resgatarmos o componente de estudo podermos oferecer recursos para interpretá-lo e analisá-lo

criticamente, permitindo a compreensão do procedimento da inclusão da cultura audiovisual. Atraído pela linguagem audiovisual, o homem perde o seu referencial, adquirindo o referencial da imagem transmitida, "coisificando- se". Por isso, temos que tomar cuidado, zelando para que os educandos adquiram consciência crítica em relação aos meios de comunicação, para não ficarem despersonalizados.

### Possíveis perguntas para reflexão sobre o filme:

- 1 Qual o tema do filme? O que os realizadores do filme tentaram nos contar? Eles conseguiram passar sua mensagem?
- 2 Você assimilou/aprendeu alguma coisa com este filme? O que?
- 3 Algum elemento do filme não foi compreendido?
- 4 Do que você mais gostou neste filme? Por quê?
- 5 Qual o seu personagem favorito no filme? Por quê?
- 6 Descreva o uso da cor no filme. Ela enfatiza as emoções que os realizadores tentaram evocar? Como você usaria a cor no filme em questão?
- 7 Analise o uso da música no filme. Ela conseguiu criar um clima correto para a história? Como você usaria a música neste filme?
- 8 Todos os eventos retratados no filme são verdadeiros? Descreva as cenas que você achou especialmente bem coerentes e fiéis à realidade. Quais seqüências que parecem menos realistas? Por quê?

# SUGESTÕES DE RECURSOS DE APOIO (LINKS E MATERIAIS):

Vozes negras - episódio 6 : As pretas benzedeiras do Colina https://youtu.be/34xO1N5Rn7Y

Música: Deixe ir (Liége)

https://www.youtube.com/watch?v=pM0wS1E3htY

Café com sementes - Pastoras do Rosário

https://www.youtube.com/watch?v=8t1xRKShFCc

Música: Rezadeiras Guardiãs (Martinho da Vila)

https://www.youtube.com/watch?v=MUwori-2OgA

Rezadeira (vídeo)

https://youtu.be/K1mVSavvEmY

Deus te pague - Benzedeiras e benzedores (documentário)

https://youtu.be/0vSuHrjZGNo

Benzedeiras tradição Milenar de cura pela fé (curta- metragem)

https://youtu.be/0wXaWK4mLJk

Reportagem: Benzedeiras resistem ao tempo e a modernidade com muita fé
<a href="https://agora.folha.uol.com.br/sao-paulo/2019/05/benzedeiras-resistem-ao-tempo-e-a-modernidade-com-muita-fe.shtml?utm\_source=sharenativo&utm\_medium=social&utm\_campaign=sharenativo</a>
<a href="mailto:tempo-e-a-modernidade-com-muita-fe.shtml?utm\_source=sharenativo&utm\_medium=social&utm\_campaign=sharenativo">tm\_campaign=sharenativo</a>

Baiana: as tias do samba

https://deputadalecibrandao.com.br/diversidade/item/466-baianas-as-tias-do-samba

Quem foi tia Ciata

https://www.tiaciata.org.br/tia-ciata/biografia

"Pelo telefone mandaram avisar que se questione essa tal história onde mulher não tá": a atuação de mulheres musicistas na constituição do samba da Pequena África do Rio de Janeiro no início do século XX

https://www.scielo.br/j/pm/a/vsY3ZYzpLhXzyhbQNBBrgWk/?lang=pt

INEDIT BRASIL 2012 - Rainha Quelé: Clementina de Jesus <a href="https://www.youtube.com/watch?v=SJIWLdalQiw">https://www.youtube.com/watch?v=SJIWLdalQiw</a>

Rainhas do canto e da dança : a atuação das Mulheres no universo musical das escolas de samba

http://www.carnavalize.com/2020/08/seriemulheres-rainhas-do-canto-e-da.html

O samba segundo as Ialodês - Mulheres negras e cultura Midiática (Jurema Pinto Werneck)

https://issuu.com/marcelooreilly/docs/0152-juremapintowerneck

Reportagem: Samba de Dandara materializa a ancestralidade e protagonismo feminino em primeiro álbum autoral

https://almapreta.com/sessao/cultura/samba-de-dandara-album-autoral

Reportagem: Samba de Dandara Exalta a força ancestral e feminina <a href="https://cearacriolo.com.br/samba-de-dandara-exalta-a-forca-ancestral-feminina-em-di-sco-de-estreia-ouca/">https://cearacriolo.com.br/samba-de-dandara-exalta-a-forca-ancestral-feminina-em-di-sco-de-estreia-ouca/</a>

### Referências bibliográficas

BINZER, Ina von. Os meus Romanos: alegrias e tristezas de uma educadora no Brasil -tradução de Alice Rossi, 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

DUARTE, Rosália. Cinema e Educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2ª ed., 2002, 128p.

FIGUEIRA, Cristina Aparecida. O Cinema do povo: um projeto de educação anarquista,1991-1921(dissertação)São Paulo:PUC-SP,1995.

FISHER, Rosa Maria Bueno. O dispositivo pedagógico da mídia: modos de educar na (e pela) TV. Educação e pesquisa, v.28 n °1, São Paulo jun./2002.

GOMES, Paulo Emílio. Crítica do cinema no suplemento literário, v 1, Rio de Janeiro: Paz e terra,1981.

MIRANDA, Carlos Eduardo Albuquerque. A educação pelo cinema. Disponível em:http://www.artigocientifico.com.br/uploads/artc\_1153335383\_46.pd. Acesso: maio/2007.

NAPOLITANO, Marcos. Como usar o cinema na sala de aula. 2.ed. São Paulo:Contexto,2005.

RITZKAT, Marli Gonçalves Bicalho. Preceptoras alemãs no Brasil. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FILHO, Luciano Mendes Faria; VEIGA, Cynthia Greive. TARDIF, Maurice. Saberes docentes e formação profissional. Petrópolis, Rio de Janeiro: vozes, 2002.

#### Ficha Técnica

O projeto audiovisual - uma construção coletiva da nossa Marcha - foi realizado pelo Projeto Bem Viver - Diálogos com o cuidar e foi fomentado pelo Fundo Elas.

### Casa de Inspiração

Direção: Daiane Pettine

Imagens: Domenica Guimarães

Trilha: Girlei Miranda

Produção: Juliana Rosa

Assistência de Projeto: Caroline Marques

Produção Projeto: Ana Paula Evangelista

Com: Angelina Reis e Tia Cida dos Terreiros

Suplemento: Daiane Pettine